Nenhuma a menos

Por Michele Rolim[1]

AVE MARIA que hoje aqui passa levanta esse rosto milita com tua voz entre as mulheres incita o insulto balança o ventre seduz.
Deixa, Maria, com medos teus, fantasmas e abusadores agora jogados à própria sorte, reféns.
Age maria tempera essa massa recheia a seu gosto a receita é inata entre as mulheres, mastiga os caroços que jogaram entre os angus.
Senta maria, descanse os dedos calejados das próprias dores, respira e aponta pra um novo norte e além.
Acalma maria cheia de pressa caminha conosco marmita é grande pra enfiar muitas colheres se alie a quem entende o peso de sua cruz. Acalma maria cheia de pressa caminha conosco marmita é grande pra enfiar muitas colheres se alie a quem entende o peso de sua cruz.
Tanta maria com os mesmos erros, com as mesmas cobranças e amores, na vida tentando manter o porte
Em nome de um pai /sumido/ e de seu empírico pranto.
(Luciane Nascimento)

Ao som de um berrante, três mulheres - Erika Moura, Natália Siufi e Valquíria Rosa - saúdam sua ancestrais e pedem licença para contar e dançar histórias.

A Cia do Xingó apresentou na programação do 36º Festivale, na Praça Afonso Pena, o espetáculo *Heréticas*. Em cena, um manifesto contra o feminicídio (crime de ódio que se refere ao assassinato de mulheres em razão ao gênero). No entanto, a dramaturgia lança um olhar do feminicídio como a consequência fatal final de uma série de condutas e abusos misóginos, como maus-tratos físicos,

[1] Jornalista, pesquisadora e crítica teatral. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Trabalha na imprensa cultural desde 2009 e como Conselheira Estadual de Cultura do RS (2020-2022). É editora do site AGORA Crítica Teatral (www.agoracriticateatral.com.br) e autora do livro “O que pensam os curadores de artes cênicas” (2017, editora Cobogó). É membro da FIBRA - Rede de Festivais Internacionais Brasileiros para Crianças e Jovens. Participou de diversos júris de Teatro. Vem atuando em festivais de artes cênicas no Brasil como crítica, debatedora e curadora.

psicológicos e sexuais, buscando também estabelecer uma intersecção entre as opressões de gênero, raça e classe social.

A primeira cena é uma adaptação da oração *Ave Maria*, que integra o livro *Tudo nela é de se amar: A pele que habito e outros poemas sobre a jornada da mulher negra*, de Luciane Nascimento. Através da leitura desse poema, o grupo cria uma sensação – a de estarmos em comunhão e em contato não apenas com as vozes das atrizes, mas também com as vozes de muitas outras mulheres ancestrais ou silenciadas.

O espetáculo é composto por elementos que fazem referência ao cangaço e ao sertão nordestino, trazendo para a cena uma ambientação de violência e de resistência. Também há muitas passagens que se reproduzem nas brincadeiras entre as artistas e a plateia, através de jogos cênicos com o corpo e a música, colocando em cena bonecos e instrumentos musicais.

A montagem surgiu do processo de conversas e discussões com dezessete mulheres escolhidas pelo grupo, as quais foram tecidas com as memórias familiares das artistas.

Em um dos momentos, elas estendem pelo chão camisetas com frases de protesto e empoderamento feminino, camisetas essas que pertenciam à mãe de uma das atrizes. Também são utilizadas canções de protesto durante a montagem, trazendo, por exemplo, como refrão: “Pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não atiça o formigueiro”. Este refrão é palavra de ordem do povo do MST, o que evidencia na montagem a luta pela terra, também uma disputa do movimento do cangaço.

Em outra cena, vai se formando uma estrutura de tecidos. Fios longos, como varais, com imagens de mulheres impressas em tecidos, são estendidos pelo público que sai, como uma espécie de cortejo, cantando a música "Canción sin miedo”, da mexicana Vivir Quintana, que se tornou um hino feminista contra a violência de gênero e o feminicídio.

A montagem ganha outra camada com as corpas presentes em cena. Estão em cena mulheres negras e pardas, de diferentes gerações, o que interfere diretamente em termos de como perceber o feminismo e como fazer parte do movimento. Afinal, as diferenças raciais e geracionais trazem opressões diferentes entre si, então o feminismo se torna diferente para cada mulher, somando assim experiências corporais distintas.

Assim, a Cia Xingó, que existe, há treze anos, como grupo de dança-teatro, na zona leste da cidade de São Paulo, pratica artivismo feminista. Seu discurso e processos refletem no espetáculo, que busca provocar a desconstrução e a construção de outras relações ético-político-estéticas na cena, assim como na vida, para além das designações discursivas e corporais hetero-cis-brancas e eurocentradas.